

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS: *UMA PROPOSTA DE ESTUDO SOCIOINTERACIONISTA*

CAMILE REGADAS TANTO
(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, CLUNL)*

ABSTRACT: The supposition that underlies this work is that the area of Language Sciences – or, more specifically, the Linguistics of Texts and Discourses – can make an important contribution to the study of biblical texts. The objective is to develop a teaching unit based on the reformulation of the material (Como estudar a Bíblia) analyzed in order to promote a didactic and pedagogic approach that guides the understanding and interpretation of biblical texts. This (linguistic) contribution to Bible studies aims to enhance the internalization of linguistic aspects that promotes the development of knowledge and the individual's ability to act in this area and, consequently, promote self-awareness and personal transformation.

KEYWORDS: socio-discursive interactionism, genre, biblical texts, teaching unit.

1. Introdução

Este trabalho apresenta parte da reflexão feita na minha tese de mestrado¹, na qual desenvolvi uma proposta de análise de textos bíblicos à luz do interacionismo sociodiscursivo (doravante, ISD).

A ideia de trabalhar sobre textos bíblicos deu-se a partir da observação dos instrumentos de análise de textos utilizados no âmbito de um curso bíblico-teológico, onde pude identificar problemas que parecem muito aquém do contributo que nos pode fornecer hoje o arcabouço teórico e os

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

¹ Mestrado em Ciências da Linguagem – Textos e Discursos, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. 2010./ Tese: *Uma proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos.*

instrumentos de análise prática disponíveis no quadro da linguística dos textos e dos discursos.

A referida observação revela uma tentativa ingênua de mobilizar recursos linguísticos para o estudo dos textos bíblicos, muito mais fundamentada no senso comum e na teoria literária do que propriamente numa abordagem linguístico-textual. Neste sentido surgiu o desafio de elaborar uma proposta de análise linguística teoricamente consistente e aplicada aos textos bíblicos, por um lado, mas acessível a um público alheio a uma consciência explícita dos recursos disponíveis na língua, por outro. Meu objetivo foi, então, transpor questões teóricas, mais do que aprofundá-las, a fim de torná-las claras e operacionais para o estudo desses textos. Assim, o presente artigo apresenta, em linhas gerais, uma proposta de análise de textos que considera a especificidade do objeto de análise – os textos bíblicos – e do público-alvo, situado no âmbito dos estudos bíblico-teológicos. Para isso, dividi este trabalho em cinco seções. Em primeiro lugar, explicito as noções relativas às **atividades de linguagem, gêneros de texto e textos empíricos**. No segundo momento descrevo a **atividade religiosa como atividade de linguagem**. Em seguida, discorro sobre **os textos bíblicos como objetos empíricos** de análise linguística. Na quarta seção, apresento um **exemplo de análise**, a partir do texto do *Evangelho de João*, capítulo 18, versículos 1 a 18 (Jo.18:5-18). E, finalmente, nas **considerações finais**, refiro algumas observações relevantes referentes à análise apresentada, bem como perspectivas para trabalhos futuros.

2. Atividades de linguagem, gêneros de textos e textos empíricos

Segundo Bronckart (2004), agir socialmente em determinada prática social requer a apropriação e a interiorização das significações sócio-históricas do meio no qual o homem está inserido e isso acontece pela prática, mas também e frequentemente, por meio da mediação linguística realizada através de textos. Os textos são, portanto, as manifestações empíricas primeiras das atividades de linguagem. É preciso também considerar que as novas produções são baseadas em produções preexistentes. Afinal o homem, como ser histórico, está inserido num meio pelo qual é influenciado e formado; torna-se necessária, então, a adoção da ‘forma comunicativa’ mais adequada e a adaptação à situação de ação.

Tais formas comunicativas são “modelos *indexados*, para os contemporâneos e para as gerações posteriores” (Bronckart, 1999:137), chamados gêneros textuais e estão disponíveis no intertexto.

Os gêneros textuais são categorias abstratas disponíveis em cada prática social (*e.g.* jornalística, religiosa, literária, etc.) instituídos socialmente. Assim, para que o sujeito adote e adapte um gênero é preciso convocar dois tipos de conhecimentos: o primeiro (social), referente ao contexto de ação, ou seja, a sua representação em relação ao contexto de ação; o segundo (discursivo), referente a modelos de ‘formas comunicativas’ utilizadas social-

mente em contextos semelhantes (Bronckart, 1999). O resultado da adoção e da adaptação é a realização concreta dos gêneros sob a forma de textos empíricos. Os textos são, então, a manifestação dos gêneros, ou seja, os objetos empíricos, tais como circulam em sociedade (Coutinho, 2005).

Daí decorre a possibilidade de se considerar os textos como objeto primeiro da análise linguística (cf. Rastier, 2001). Importa, contudo, destacar que a reprodução de um gênero não acontece de maneira uniforme e inflexível, podendo, ao invés, realizar-se de forma mais fiel ou mais livre – o que permite concluir, na senda de Coutinho e Miranda (2009), que cada texto envolve ao mesmo tempo dois planos na produção e interpretação textual: o *plano comum* e o *plano da singularidade*. O *plano comum* será aquele que identifica um texto como pertencente a um gênero, equivalendo ao movimento da *adoção* (de um gênero) referido por Bronckart (1999, 2004) e ao *princípio da identidade* de um gênero destacado por Adam (2002), ou seja, corresponde às características prototípicas de determinado gênero. Já o *plano da singularidade* será aquele que faz de cada texto um exemplar único, podendo ser equiparado ao movimento de *adaptação* (de um gênero) postulado por Bronckart (1999, 2004) e ao *princípio da diferença* defendido por Adam (2002).

3. A atividade religiosa como atividade de linguagem

O ser humano está imerso na sociedade e, à medida que se desenvolve, apre(e)nde comportamentos sociais que lhe permitirão agir socialmente nas diferentes práticas (sociais) que lhe serão impostas. Esta atuação social acontece, principalmente, por meio da linguagem. É também a linguagem que lhe permite construir as suas representações coletivas (*os mundos formais de conhecimento*) e transmitir aos seus descendentes os *modelos* de comportamento social (e textual). Por isso, assumo com Bronckart que

a linguagem não é (apenas) um meio de expressão de processos que seriam, eles, estritamente psicológicos (percepção, cognição, sentimentos, emoções), mas que é, na realidade, um instrumento fundador e organizador desses mesmos processos, em todo o caso nas suas dimensões especificamente humanas.

Bronckart (2005:39)

A linguagem constitui então uma característica da atividade social humana e a sua principal função é de ordem comunicativa ou pragmática (Bronckart, 1999) assegurando a intercompreensão entre os membros de uma comunidade verbal e permitindo que o homem aja socialmente. Na mesma linha situa-se Rastier (1989), assumindo a concepção de uso da língua como atividade social por excelência.

As práticas sociais, tão diversas quanto as áreas de atuação humanas, são realizadas por meio da língua – atividades de linguagem (Bronckart, 1999) – e reguladas pelas formações sociais no interior de cada comunidade

verbal. Tais formações sociais ou sócio-discursivas dão origem a modalidades particulares de organização dos signos e, conseqüentemente, a diferentes gêneros de texto. Logo, cada atividade de linguagem produz gêneros próprios, que constituirão modelos de prática social no âmbito daquela atividade; ou tomam, por empréstimo, gêneros de outras atividades, a fim de serem adaptados a fins mais específicos e adequados à medida da necessidade da ação comunicativa.

O foco deste trabalho está centrado na atividade religiosa, que é marcada por características peculiares. A primeira é a ambivalência entre a tradição e a inovação (Tanto, 2010), verificada no uso e na circulação de gêneros orais e escritos há muito estabelecidos e estabilizados na prática cotidiana (e.g. as *epístolas*, os *salmos*, os *evangelhos*, o *sermão*, a *missa*, a *oração*), bem como de novos gêneros (e.g. os *cânticos religiosos contemporâneos*, as *devocionais*, os *emails*, os *cartoons*) surgidos a partir do desenvolvimento natural da atividade, da ação transformadora dos participantes na comunidade discursiva, dos efeitos do desenvolvimento tecnológico.

Segundo Tanto (2010), o uso de gêneros tão diversos na mesma atividade aponta para uma segunda característica, que é a capacidade que a atividade religiosa tem de manter um gênero ativo, mesmo quando este já não é produtivo. Exemplares marcantes dessa característica são os textos bíblicos. O cânone da Bíblia foi constituído há muitos séculos², não permitindo acréscimos a esse grupo, ou seja, após o encerramento do cânone não se verifica a produção de novos exemplares empíricos que passem a integrar a Bíblia. Mas o facto de não se produzirem novos exemplares empíricos não impede que os textos bíblicos circulem na comunidade discursiva e sejam utilizados seja como objeto de leitura, seja para a orientação das práticas religiosas ou ainda como fontes de inspiração para os sermões, por exemplo. Como já foi mencionado, muitos e diferentes gêneros integram a atividade religiosa e poderiam ser objetos de análise, no entanto centro a minha atenção nos gêneros bíblicos.

4. Os textos bíblicos como objeto da análise linguística

Para Bronckart (1999) os gêneros textuais são modelos abstratos, adotados e adaptados pelos textos numa dada situação de comunicação. De acordo com essa afirmação, qualquer novo texto produzido pode ser classificado genericamente.

² A despeito das controvérsias acerca do cânone do Antigo Testamento, neste trabalho, adoto o *cânone* da Bíblia hebraica (39 livros), estabelecido pelo Concílio de Jâmnia, em 90 d.C. (Douglas, 1995:251). Para o Novo Testamento, desde o século IV, as igrejas cristãs de todas as denominações aceitam como cânone o Novo Testamento composto por 27 livros. (Hörster, 1996).

A abordagem dos textos bíblicos no âmbito dos estudos hermenêuticos tem revelado alguns tópicos de discussão relativamente à indefinição da orientação epistemológica na classificação e na análise desses textos, à heterogeneidade de critérios de classificação utilizados e à divergência entre a classificação aceite no meio académico e a apresentada ao público leigo.

No âmbito dos estudos hermenêuticos, tem sido privilegiado o estudo dos textos bíblicos sob a perspectiva do “género”³ (Fee & Stuart, 1997) e tem sido feito um grande esforço na tentativa de estabelecer uma classificação coerente que dê conta da diversidade desses géneros. Verifiquei, contudo, que relativamente à classificação e às análises desses textos há uma *indefinição da orientação epistemológica*. É perceptível ainda uma forte influência da tradição literária na abordagem dos géneros bíblicos; conseqüentemente, a classificação dos géneros refletirá essa opção – ao passo que a análise dos textos tem recorrido a instrumentos “linguísticos” (Tanto, 2010). Acredito que o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento é necessário e produtivo, mas é preciso ser feito de forma sistematizada e coerente. Do ponto de vista linguístico, aponto os seguintes efeitos dessa indefinição epistemológica:

- indiferenciação, ou confusão, entre questões de categorização ou tipologia textual, por um lado, e questões de tipologia discursiva (ou enunciativo-discursiva), por outro;
- anulação da especificidade dos diferentes géneros bíblicos;
- indiferenciação entre cotexto (etiquetado frequentemente como “contexto literário”) e contexto (de produção, de circulação, histórico, cultural) – tratados sob o mesmo estatuto;
- confusão (ou mesmo, por vezes, falta de exatidão) relativamente aos diferentes níveis de análise linguística convocados (níveis lexical, morfológico, sintático, semântico).

A segunda observação que se faz necessária diz respeito à *heterogeneidade de critérios* para a classificação dos textos bíblicos. Ora os textos são classificados de acordo com o “género” a que pertencem (*e.g.* poéticos, cartas), ora são classificados mediante o conteúdo (*e.g.* históricos, evangelhos), ou ainda são classificados consoante a sua “natureza literária” (*ex.* narrativa) – evidenciando-se, mais uma vez, a inconsistência teórica que orienta essa classificação. Os critérios são convocados consoante a necessidade que cada texto impõe, sendo que mediante géneros diferentes se utilizam critérios diferentes.

Uma das consequências disto é muitas vezes ignorar-se a própria natureza genérica dos textos. De acordo com Alter (1997), sendo pelo menos três ou quatro séculos anteriores aos *salmos bíblicos*, os *salmos* (entendidos

³ Adoto neste trabalho a noção de género textual de Bronckart (1999), por isso a palavra género(s) sempre aparecerá entre aspas, quando for utilizada indistintamente pelos editores/autores (género literário?, género textual?) para agrupar/classificar textos.

como formas literárias) eram um género muito popular. Verifica-se, então, na produção dos *salmos bíblicos*, que um género do âmbito da atividade literária que já fazia parte da prática social das comunidades contemporâneas (e anteriores) aos hebreus foi tomado de empréstimo por esse povo, foi adotado e adaptado à prática religiosa hebraica a fim de desempenhar uma função litúrgica (Tanto, 2009). Classificar os salmos tão somente como poesia é apagar a sua especificidade enquanto género e menosprezar a sua importância para a prática social (e religiosa) do povo hebreu.

Se por um lado os *salmos* ratificam a universalidade da afirmação de Bronckart (1999) de que todo texto adota e adapta um género, os *evangelhos*, por exemplo, não corroboram a sua validade. A classificação genérica dos *evangelhos* remonta ao século II da era cristã, quando foram pela primeira vez assim designados (Douglas, 1995). Na modernidade, muitas têm sido as investidas na tentativa de se estabelecer uma classificação (Alter, 1997; Douglas, 1995; Carson, Moo & Morris, 1997; Fee & Stuart, 1997), mas o consenso a que se tem chegado, no âmbito dos estudos teológicos, é que o *evangelho* é um género único, que surgiu em decorrência da singularidade do assunto que trata, a vida e a obra de Jesus Cristo (Carson, Moo & Morris, 1997). Tal característica inovadora não é exclusiva do *evangelho*. O livro de *Atos* e alguns livros do *Pentateuco* também não encontram antecedentes e apontam outras possibilidades além da tese da adoção/adaptação de Bronckart (1999).

Finalmente, é preciso referir a divergência entre a classificação utilizada no meio académico da classificação apresentada ao público leigo, conforme se pode observar nos exemplos abaixo (Figura 1).

| <i>Livro (exemplos)</i> | <i>Classificação que circula no meio académico (biblico-teológico)</i> | <i>Classificação apresentada ao público leigo</i> |
|------------------------------------|--|---|
| <i>Gênesis</i> | <i>Narrativa</i> | <i>(integra o) Pentateuco</i> |
| <i>Salmos</i> | <i>Poesia</i> | <i>Poesia</i> |
| <i>Jó, Provérbios, Eclesiastes</i> | <i>Sapiencial</i> | <i>Poesia</i> |
| <i>Evangelho</i> | <i>Narrativa-Evangelho</i> | <i>Evangelho</i> |
| <i>Apocalipse</i> | <i>Apocalipse</i> | <i>Carta</i> |

Figura 1: Quadro comparativo da classificação dos textos bíblicos

A questão aqui não se resume à mera discussão da designação dada a cada género, nem está limitada ao nível da transposição. O problema que se coloca é o da divergência de critérios utilizados entre as duas classificações apresentadas. A classificação direcionada ao público leigo parece ser uma tentativa de simplificar (ou apagar) a complexidade da questão. A simplificação pode até ser legítima, mas não convém ser feita em detrimento da especificidade dos textos. Ler os textos de *Provérbios*, por exemplo, como

poesia, é desprezar o seu caráter instrutivo de orientar o povo (hebreu) a viver uma vida sábia e agradável a Deus.

Tendo em vista a breve reflexão acima apresentada e considerando-se o público-alvo a que se destina a proposta de análise de textos que será apresentada, não me pareceu pertinente aprofundar a discussão teórica acerca da noção e da classificação dos textos bíblicos, ou ainda tentar fixar uma etiqueta específica, pelo contrário, parti do que já era do conhecimento desse público.

5. Um exemplo de análise de texto: Jo. 5:1-18

Como já foi referido, a análise que passo a apresentar foi pensada para ser utilizada por um público-alvo muito específico, situado no âmbito dos estudos bíblicos-teológicos. A proposta de análise completa desenvolvida em Tanto (2010) pode ser assim esquematizada

1. Aspetos introdutórios (descrição metodológica, princípios gerais do ISD)
2. Reflexão sobre os textos bíblicos (contexto histórico, processo de canonização, noção/classificação de género)
3. Trabalho sobre o excerto (Jo.5:1-18): análise do contexto de produção/interpretação dos textos (Bronckart, 1999)
4. Trabalho sobre o excerto (Jo.5:1-18): análise da arquitetura textual, incidindo sobre os mecanismos enunciativos (Bronckart, 1999), as modalizações (Oliveira, 2003 *in* Mira Mateus, 2003), as conexões e a coesão (Duarte, 2003 *in* Mira Mateus, 2003), macroestruturas (Van Dijk, 1981)
5. Síntese e conclusão da análise do excerto

Neste artigo privilegiarei apenas as etapas 3 a 5, alvo da descrição nos tópicos a seguir, por serem estas dedicadas à intervenção linguística mais explícita do excerto de Jo.5:1-18.

¹Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém.

²Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões.

³Nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paráliticos

⁴esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer doença que tivesse.

⁵Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.

⁶Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?

⁷Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.

⁸Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.

- ⁹Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.
- ¹⁰Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.
- ¹¹Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.
- ¹²Perguntaram-lhe eles: Quem é o homem que te disse: Toma o teu leito e anda?
- ¹³Mas o que fora curado não sabia quem era; porque Jesus se havia retirado, por haver muita gente naquele lugar.
- ¹⁴Mais tarde, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.
- ¹⁵O homem retirou-se e disse aos judeus que fora Jesus quem o havia curado.
- ¹⁶E os judeus perseguiam Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.
- ¹⁷Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.
- ¹⁸Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

(Jo. 5:1-18)

5.1. Condições de produção/circulação e interpretação dos textos

Esta etapa está fundamentada na proposta de Bronckart (Figura 2) que incide sobre a produção textual, mas por entender que o contexto de produção/circulação é relevante – e, no caso dos textos bíblicos, determinante –, estendo o uso dessa ferramenta para a compreensão e interpretação desses textos.

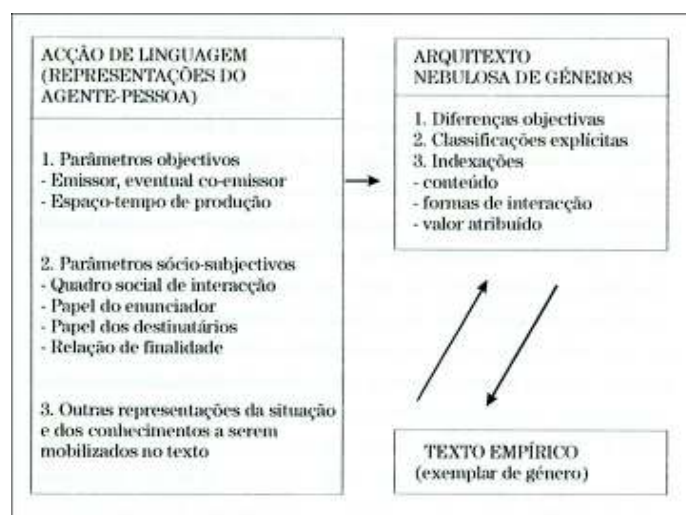


Figura 2: Relações entre ação de linguagem, arquitexto e texto empírico (reproduzido de Bronckart, 2005: 64)

A análise das condições de produção/circulação viabilizam a recuperação do contexto original do texto, orientando, assim, a compreensão e interpretação por parte do leitor contemporâneo. É preciso ter em mente que o texto analisado (Jo.5:1-18) é um excerto do *Evangelho de João*. Assim, para que se tenha acesso ao seu contexto de produção/circulação é preciso considerar o contexto de todo o livro.

O contexto de produção/circulação original é constituído pelos seguintes elementos: o emissor/produtor, o tema, os recetores/destinatários, as intenções/finalidades, o espaço de produção, o espaço temporal de produção, o contexto social dos emissor/produtor e do(s) recetores/destinatários.

Por si só, a leitura do excerto não é suficiente para recuperar todos os elementos que constituem o contexto do *Evangelho de João* – de facto, para entender o texto é necessário não só proceder à leitura de todo o evangelho, mas também recorrer aos dicionários e comentários bíblicos (e.g. Douglas, 1995; Carson, Moo & Morris, 1997). Se a leitura do *Evangelho de João* permite identificar o autor/emissor e o tema do livro, a pesquisa bibliográfica possibilita a recuperação a data e do local de produção, bem como das circunstâncias vividas pelo emissor/recetor e pelos recetores/destinatários originais.

A questão da confirmação da autoria pode parecer desnecessária, uma vez que o texto foi extraído do *Evangelho de João*, e é de conhecimento geral que tal evangelho foi escrito por *João*, o discípulo. Contudo, nem sempre recorrer ao título do livro é uma boa estratégia⁴. A necessidade de proceder à leitura do livro na íntegra ou de se recorrer à pesquisa bibliográfica para a recuperação desse tipo de informações varia consoante o género do texto em análise ou de acordo com o grau de familiaridade do leitor com os textos bíblicos.

Os resultados obtidos a partir da leitura do evangelho e da pesquisa bibliográfica podem ser sintetizados na tabela abaixo (Figura 3).

| <i>Condições de produção/circulação</i> | <i>Evangelho de João</i> |
|--|--|
| <i>Emissor/produtor</i> | <i>João, o apóstolo – um dos doze discípulos de Jesus (Jo.21:24)</i> |
| <i>Tema</i> | <i>Revelação de Jesus Cristo como filho de Deus (Jo. 20:31)</i> |
| <i>Recetores/destinatários</i> | <i>Seguidores não-judeus de Jesus</i> |
| <i>Intenções/finalidades</i> | <i>Provar que Jesus o filho de Deus (Jo.20:31)</i> |
| <i>Espaço de produção</i> | <i>Provavelmente Éfeso, na Turquia</i> |
| <i>Espaço temporal de produção</i> | <i>Entre 80 e 95 d.C.</i> |
| <i>Contexto social do emissor/produtor</i> | <i>Cf. Douglas (1985)</i> |
| <i>Contexto social do(s) recetor(es)/destinatário(s)</i> | <i>Vivência de um conflito entre fé e filosofia</i> |

Figura 3: Condições de produção/circulação do Evangelho de João (Bíblia Sagrada, 1993; Douglas, 1995; Carson, Moo & Morris, 1997)

⁴ Como é o caso dos livros do Pentateuco (*Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo*), cujos títulos estão muito mais ligados à temática, ou ainda às cartas de Paulo, que são designadas em função dos destinatários e não do autor/emissor.

É importante mencionar que esta primeira fase referente ao contexto de produção/circulação visa, por um lado, a exploração do texto lido e, por outro lado, a pesquisa bibliográfica em outras fontes.

Os textos bíblicos circulam em sociedade há mais de 3500 anos, *i.e.*, apresentam um contexto cultural/social/religioso muito distinto do contexto contemporâneo. Para se chegar à compreensão desses textos é preciso conhecer o seu contexto original, por meio de uma atitude investigativa. Diante do excerto em estudo, só será possível conhecer todas informações apresentadas na Figura 3, mediante a pesquisa bibliográfica.

O segundo momento da análise do contexto de produção/circulação incide sobre o texto em si, neste caso Jo. 5:1-18. Nesta segunda etapa, a ideia é explorar o texto a fim de reconstituir a situação apresentada pelo autor. A explicitação dos agentes envolvidos, do tempo e espaço do episódio narrado e o contexto social/cultural/religioso lançarão pistas para a interpretação do texto. A leitura de Jo. 5:1-18 revela as seguintes informações:

| | |
|--|--|
| <i>Condições de produção/circulação</i> | <i>João 5:1-18</i> |
| <i>Emissor/remetente</i> | <i>João, um dos doze discípulos (cf. Figura 1)</i> |
| <i>Tema (situação apresentada)</i> | <i>Jesus cura um homem / Jesus sofre a oposição dos judeus</i> |
| <i>Recetor(es)/destinatário(s)</i> | <i>João está a escrever para os novos cristãos de origem não judaica (cf. Figura1)</i> |
| <i>Agentes envolvidos</i> | <i>Jesus, o homem doente, os judeus</i> |
| <i>Localização espacial</i> | <i>Jerusalém (vers.1), Tanque de Betesda (vers.2), Templo (vers.14)</i> |
| <i>Localização temporal</i> | <i>Sábado (vers. 9, 10, 16 e 18)</i> |
| <i>Reflexo do contexto social/cultural/religioso</i> | <i>Ênfase ao referir que era sábado (mencionado 4 vezes – vers. 9, 10, 16 e 18)</i> |

Figura 4: Condições de produção/circulação do excerto de João 5:1-18 (Bíblia Sagrada, 1993)

Nota-se que este excerto é rico em dados relativos à situação apresentada, mas o trabalho de análise não se resume à identificação dos elementos propostos na Figura 4 e facilmente identificados por meio da simples leitura do excerto. Para a compreensão e interpretação do excerto concorrem ainda as “pistas linguísticas” disponíveis no texto. A título de exemplo, chamo a atenção à questão do *sábado*. No excerto em estudo, o autor menciona quatro vezes que era *sábado* (vs. 9, 10, 16 e 18). Essa repetição não é gratuita, mas é um indício para o leitor de que essa é uma questão a ser investigada. Quando se parte para a pesquisa bibliográfica, passa-se a saber que o *sábado* era o dia do descanso do povo judeu, logo as ações de Jesus no episódio narrado constituíram uma grave afronta contra a tradição religiosa da época.

A pesquisa bibliográfica orientada pelas “pistas linguísticas” não só auxilia na recuperação de dados, mas também orienta o leitor na elaboração

de questões, na inferência de informações, na formulação de hipóteses que conduzirão o processo de compreensão e interpretação dos textos bíblicos. Resumidamente pode-se dizer do contexto de produção/circulação que o excerto de Jo. 5:1-18 relata um episódio de clara oposição dos judeus em relação a Jesus. Isso acontece por dois motivos: o primeiro, pelo facto de Cristo ter curado um homem no sábado, que naquele contexto religioso significava uma transgressão da prática tradicional; e, em segundo lugar, porque Jesus declarou ser Filho de Deus, o que para os judeus constituía uma blasfêmia (Tanto, 2010 – *cd rom*).

Se o processo de análise funcionar como previsto, o leitor será capaz de identificar que *João*, como apóstolo de Cristo, transmite a autoridade de uma testemunha ocular dos factos por ele relatados e que o curto espaço de tempo entre os factos relatados e a escrita do *evangelho* também contribuem para a fidedignidade do livro, uma vez que muitas testemunhas oculares poderiam confirmar ou rejeitar o testemunho de João. A observação do excerto revela que Jesus, ao curar no sábado e afirmar-se como Filho de Deus, provoca a ira dos judeus e dá início à conspiração para tirar-lhe a vida.

Foram ainda verificados três motivos que levaram João a escrever o evangelho: revelar Jesus como filho de Deus, combater o conflito entre filosofia e religião vivido pelos seus interlocutores e mostrar a oposição sofrida por Cristo. Contudo, as informações levantadas nessa primeira etapa não são suficientes para responder essas questões. Logo, é preciso verificar, na etapa seguinte, que elementos (linguísticos) do texto:

- revelam Jesus como filho de Deus, o Messias;
- vão ao encontro do conflito entre fé e filosofia vivido pelo público-alvo de João;
- manifestam a oposição sofrida por Cristo.

As três questões acima são o ponto de partida para o trabalho sobre a arquitetura textual do excerto, cujo objetivo é identificar elementos (linguísticos) que respondam às questões levantadas.

5.2. Arquitetura textual

Esta etapa foi concebida a partir do modelo da arquitetura textual proposto por Bronckart (1999) que distingue três níveis estruturais sobrepostos (Figura 5). Optei por uma abordagem descendente, incidindo, em primeiro lugar sobre a análise da coerência pragmática (mecanismos enunciativos e modalizações) e, em seguida, sobre os mecanismos de coerência temática (conexões e coesão) e o plano de texto (ou organização macroestrutural).

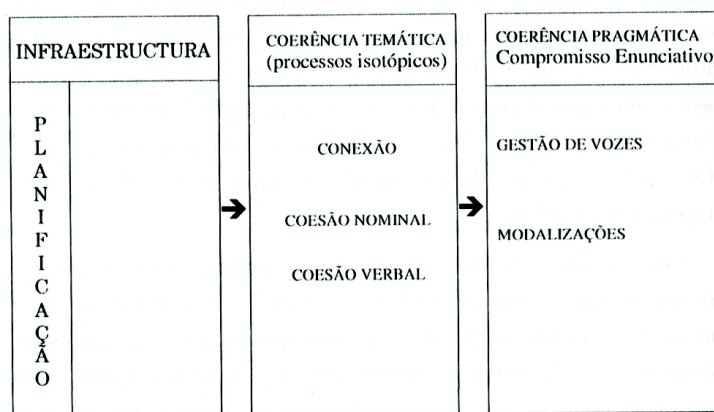


Figura 5: Relações entre infraestrutura, coerência temática e coerência pragmática (reproduzido de Bronckart, 2005: 66)

5.2.1. Coerência pragmática [mecanismos enunciativos e modalizações]

Esta etapa da análise visa a identificação das instâncias de comunicação e das modalizações presentes no texto, a fim de mobilizar essas ferramentas para a interpretação do excerto de Jo. 5:1-18.

No excerto em estudo dois grupos de vozes estão presentes, as vozes dos agentes (Jesus, homem enfermo, judeus) e a voz do textualizador (*João*) que, de forma simplificada, poderá ser aceite como autor.

As vozes dos agentes são introduzidas pelos verbos *dicendi* (dizer, perguntar) e pelo discurso direto. A voz do autor é predominante em todo o texto. *João* é agente, mas não atuante, na situação apresentada. É por meio de sua voz que dá a conhecer a localização espaciotemporal do excerto, importante para a reconstituição do cenário no qual se deu o episódio que será narrado, e para a identificação de pistas para responder à questão relativa à oposição sofrida por Cristo, elaborada na etapa precedente.

A contextualização espaciotemporal é indicada pelos localizadores temporais (Passadas estas coisas, vers.8; mais tarde, vers. 14), pelo uso do pretérito imperfeito (E aquele dia era sábado, vers.9) e o uso de localizadores espaciais (Jesus subiu para Jerusalém, vers.1). Desta etapa é importante reter duas coisas: o tempo, o dia de sábado; e o local, onde aconteceu o episódio, Jerusalém. A pesquisa realizada na fase anterior, deu a conhecer que o *sábado* era, para a cultura judaica, o dia estabelecido para o descanso, e Jerusalém, o centro político e religioso da nação.

O passo seguinte é identificar as modalizações no excerto e analisar os seus efeitos para a interpretação do texto. Para Oliveira (2003 in Mateus *et al.*, 2003:245), “a modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos

falantes”. A autora adverte que é um fenómeno de grande amplitude e sugere que as modalidades se realizam em quatro domínios: a modalidade interna ao participante, externa ao participante, deontica e epistémica.

O excerto de Jo. 5:1-18 não é rico em modalizações, mas o único exemplo encontrado no texto é determinante para a sua interpretação. Passemos ao exemplo:

5. Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos.
6. Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado?
7. Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.
8. Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda.
9. Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar. E aquele dia era sábado.
10. Por isso, disseram os judeus ao que fora curado: Hoje é sábado, e não te é lícito carregar o leito.
11. Ao que ele lhes respondeu: O mesmo que me curou me disse: Toma o teu leito e anda.

Jo. 5:5-11 (sublinhado meu)

No vers. 8, o enunciado sublinhado é uma modalização constituída por um ato de fala de carácter performativo e não se dá pelo uso de um verbo modal (*e.g.* poder, dever, ter de), mas pelo uso do imperativo. A mesma sequência “Toma o teu leito e anda”, no vs. 11, é meramente assertiva e não produz o mesmo efeito. A identificação dessa modalização é importante relativamente à compreensão e interpretação do texto, uma vez que responde a uma das questões colocadas ao final da fase anterior: que elementos (linguísticos) do texto revelam Jesus como Filho de Deus?

O vers. 8 revela uma característica divina de Cristo, o poder da sua palavra. Outra implicação possível é a associação deste episódio, em que Jesus cura um homem por meio daquilo que diz, com o episódio da criação, no qual Deus cria todas as coisas por meio da sua palavra (*e.g.* “Disse Deus: Haja Luz; e houve luz”, Gn. 1:3). A considerar os objetivos do autor ao escrever o evangelho, outra interpretação possível é considerar o episódio de João 5:1-18 como uma evidência da divindade de Cristo: assim como a palavra de Deus implicou ação na criação, a palavra de Jesus também revelaria esse poder.

Ainda sobre o discurso de Jesus é importante, neste excerto, destacar a declaração que faz acerca de si mesmo:

16. E os judeus perseguiram Jesus, porque fazia estas coisas no sábado.

17. Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

18. Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

Jo. 5:16-18 (sublinhado meu)

A voz de Jesus no vers. 17 é marcada pelo discurso direto, introduzida pelo verbo *dicendi* dizer e constitui um enunciado assertivo, mas cujo conteúdo proposicional provoca uma reação negativa nos judeus, porque é interpretado como pondo em causa um princípio religioso de que nenhum ser humano é igual a Deus, tal como se pode observar no vs. 18.

Esta fase da análise pode ser assim resumida:

- Jesus curou um homem, por meio da sua palavra (cura pela palavra → milagre, divindade de Jesus);
- Jesus declarou ser filho de Deus (ser igual a Deus → blasfêmia, de acordo com a religiosidade judaica da época);
- a cura deu-se num dia de sábado. (sábado → dia de descanso dos judeus);
- o episódio aconteceu na cidade de Jerusalém (Jerusalém → centro político e religioso da nação).

A implicação do que foi observado dá indícios para que se possa responder às questões:

- Que elementos (linguísticos) do texto manifestam a oposição sofrida por Cristo?
- Que elementos (linguísticos) do texto vão ao encontro do conflito entre fé e filosofia vivido pelo público alvo de João?

O episódio de Jo. 5:1-18 revela indícios da oposição que culminará com a crucificação, pois, para os líderes judeus, Jesus cometera uma falta grave: 1) realizou o milagre no sábado, profanando o dia do descanso, justamente na cidade de Jerusalém, o ícone da fé judaica; 2) declarou ser Filho de Deus (vers.17). Por outro lado, este episódio (Jo. 5:1.18) também revela a humanidade de Jesus, por meio da recusa dos judeus em aceitarem a asserção feita por Jesus ao declarar-se Filho de Deus.

5.2.3. Coerência temática [conexões e coesão]

O propósito desta fase da análise é possibilitar a identificação dos determinantes definidos e demonstrativos e dos grupos nominais que contribuem para a coesão textual e, conseqüentemente, para a progressão do excerto de Jo. 5:1-18. Não me proponho a uma análise exaustiva, mas opto pela identificação dos momentos de viragem do texto de modo que o aluno/leitor consiga perceber o encadeamento de ideias e assim, na etapa subsequente, identifique mais facilmente as macroestruturas do excerto.

O excerto pode ser dividido em cinco partes. Em primeiro lugar, a construção participial *Passadas estas coisas* (Jo. 5:1) estabelece a coesão referencial temporal e tem dupla função: referir o cotexto, indicando a possibilidade de se recorrer à porção textual antecedente para a compreensão e interpretação do excerto em questão; e a função prospetiva de introduzir o texto de Jo. 5:1-18.

O segundo momento é introduzido pelo versículo 5, *Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos* (sublinhado meu). Nesse versículo há uma mudança do foco de atenção. O constituinte destacado (“um homem enfermo”) que ocupa a posição mais à direita, de acordo com Duarte (2003 *in* Mateus *et ali*, 2003), é interpretado como foco informacional. A introdução de um novo agente (“o homem enfermo”) promove a progressão textual.

Os terceiro e quinto momentos são introduzidos pelo conector *por isso* (João. 5:10 e 18) que apresenta movimento anafórico e argumentativo. O conteúdo proposicional do segundo membro coordenado da frase pode ser inferido a partir do primeiro, que é a razão ou motivo retomados do versículo anterior. Finalmente, a quarta seção do excerto é introduzida por um mecanismo de coesão temporal (“Mais tarde”, Jo. 5:14) que indica a passagem do tempo e marca a continuidade do texto.

5.2.4. O plano de texto [organização macroestrutural]

O exercício proposto nesta etapa está fundamentado na noção de macroestrutura (semântica) postulada por Van Dijk (1981). O objetivo é orientar para a identificação de porções de texto que encerrem em si os subtemas do excerto.

A partir da identificação dos blocos de texto realizada na análise da coerência temática, foi possível segmentar o texto em cinco partes. A partir da leitura de cada parte, elabora-se uma macroproposição que encerre o sentido de cada subdivisão do texto. A síntese das 5 macroproposições permite elaborar facilmente o tema geral do texto (ou plano do texto)⁵, que constituirá, assim, o seu tema geral, conforme se verifica na tabela abaixo (Figura 6).

| <i>Versículos (Jo.5:1-18)</i> | <i>Macroproposições de cada subdivisão</i> | <i>Tema geral do excerto</i> |
|-------------------------------|---|--|
| 1-4 | <i>Jesus vai a Jerusalém, onde há um tanque milagroso à volta do qual uma multidão espera pela cura.</i> | <i>Jesus é perseguido pelos judeus, porque curou um homem no sábado e se assumiu como filho de Deus.</i> |
| 5-9 | <i>Jesus encontra com o homem enfermo e cura-o (num sábado).</i> | |
| 10-13 | <i>O homem (que fora curado) é repreendido pelos judeus por carregar o leito no sábado.</i> | |
| 14-16 | <i>Os judeus perseguem Jesus, por ele curar no sábado.</i> | |
| 17-18 | <i>Os judeus querem matar Jesus, porque ele, além de ter profanado o sábado, assumiu ser filho de Deus.</i> | |

Figura 6: Plano de texto do excerto de Jo. 5:1-18 (Tanto, 2010, *cd-rom*)

⁵ De acordo com Van Dijk (1981) pode haver variação na segmentação de um texto, desde que não comprometa a interpretação geral do texto, consoante o *background* do leitor.

A análise dos mecanismos enunciativos permite identificar, no texto, a rejeição sofrida por Cristo, expressa através do discurso direto dos judeus e da voz do autor, colocando em evidência o conflito vivido pelos cristãos de origem não judaica relativamente à humanidade de Jesus. Permite ainda concluir que, através das vozes dos agentes (Jesus, judeus e homem enfermo), João reivindica tanto a divindade, quanto a humanidade de Jesus. Por seu turno, a análise das modalizações revela textualmente a divindade de Cristo, pelo efeito performativo da fala de Jesus. Por fim, a partir da síntese das macroestruturas pode-se inferir que a passagem de Jo. 5:1-18, observada dentro do contexto do *Evangelho*, mostra o início de uma intriga – a oposição e rejeição dos judeus no vs. 17, cujo desfecho será dado na crucificação (Jo. 19:17-22).

5.3. Conclusão do estudo

A conclusão do estudo requer a elaboração de um texto-síntese que apresente os dados levantados em articulação com as respostas às questões propostas na etapa inicial, conforme é sugerido abaixo:

João, o autor do Evangelho foi discípulo de Jesus e o livro foi escrito entre os anos de 80-95 d.C., com o objetivo de provar aos novos cristãos de origem não judaica que Jesus Cristo, homem, é o filho de Deus. Diante dos objetivos do livro, é importante ressaltar que o autor – discípulo de Jesus – provavelmente fora testemunha deste evento e, considerando a época em que foi escrito o livro (entre 50 e 65 anos após a morte e ressurreição de Cristo), havia ainda testemunhas oculares dos fatos narrados no evangelho segundo João. Isso reforça a autoridade/veracidade dos fatos apresentados. Através deste milagre, João revela a divindade de Cristo, pois só Deus pode curar as pessoas, e Jesus fá-lo por meio da palavra (“Levanta, toma o teu leito e anda!”), assim como Deus criou o mundo pela palavra (“... Disse Deus... e houve.”).

Por meio da rejeição dos judeus, João mostra que Jesus era homem. Esse testemunho da humanidade e divindade de Cristo, dado por João, vai de encontro às teorias filosóficas que perturbavam os novos cristão.

A passagem (Jo. 5:1-18) observada dentro do contexto do Evangelho, mostra o início de uma intriga – a oposição e a rejeição dos judeus no versículo 18 – que tem o seu desfecho na crucificação.

6. Considerações finais

O presente trabalho, do ponto de vista teórico, constitui uma base de reflexão que relança o questionamento acerca da relação entre género e texto e suscita o repensar de questões teóricas. Na verdade, trabalhar sobre textos da atividade religiosa leva a que se coloquem questões como a validade da afirmação de Bronckart (1999) de que todo texto adota e adapta um género, ou ainda questionar sobre o que define a produtividade de um género. Convida-nos também a pensar sobre a relação entre atividade e produtividade em

relação aos gêneros e sobre o grau de influência daquela na produtividade dos gêneros. Finalmente, abre caminho a um largo campo de trabalho no âmbito da linguística dos textos e dos discursos – a descrição dos gêneros bíblicos.

Em termos didáticos, esta proposta de estudo dos textos aproxima a teoria linguística e o público leigo, por meio da transposição de recursos de análise textual já disponíveis no âmbito dos estudos linguísticos, com o objetivo de uma aplicação prática no uso cotidiano da língua.

Referências bibliográficas

- Adam, Jean-Michel (2002). Plan de texte. In Charaudeau, P. & D. Maingueneau (éds.) *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, pp. 433-434.
- Alter, Robert (1997). Salmos. In Alter, Robert & Frank Kermode (Org.) *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP.
- Bíblia Sagrada (1993). Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Bronckart, Jean-Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, Jean-Paul (2004). La médiation langagière, son statut et ses niveaux de réalisation. *Actes du colloque international La médiation: marquages en langues et en discours*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, pp. 11-32.
- Bronckart, Jean-Paul (2005). Os gêneros de texto e os tipos de discursos como formatos das interações de desenvolvimento. Tradução de Fernanda Miranda Menéndez. In Menendez, Fernanda (Org.). *Análise do discurso*. Lisboa: Hugin, pp. 39-79.
- Carson, Don Arthur., D. Moo & J. Morris (1997). *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova.
- Coutinho, Maria Antónia (2005). Para uma linguística dos gêneros de texto. *Diacrítica* 19/1, pp. 73-88.
- Coutinho, Maria Antónia & Miranda, Florencia (2009). To describe genres: problems and strategies. In Bazerman, Ch., D. Figueiredo & A. Bonini (orgs.) *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, pp. 35-55. URL: <http://wac.colostate.edu/books/genre/>.
- Douglas, John Davis (org. & ed.) (1995). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova.
- Duarte, Inês (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus et al. *Gramática da língua portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho, pp. 85-124.
- Fee, Gordon & D. Stuart (1997). *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova.

- Hörster, Gerhard (1996). *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Editora Evangélica Esperança.
- Mateus, Maria Helena *et al.* (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho.
- Oliveira, Fátima (2003). Modalidade e modo. In Mateus *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Caminho, pp. 243-272.
- Rastier, François (1989). *Sens et textualité*. Paris. Hachette.
- Rastier, François (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris. P.U.F.
- Tanto, Camile M.B.R. (2009). *Os textos bíblicos como objectos empíricos: consequências e desafios para a linguística*. IV Fórum de Partilha Linguística, Núcleo de Jovens Investigadores do CLUNL, Lisboa, Portugal. /comunicação oral/
- Tanto, Camile M.B.R. (2010). *Uma proposta sócio-interacionista para o estudo dos textos bíblicos*. Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Van Dijk, Teun A. (1981). O texto: estruturas e funções. In Varga, A. K. (ed.) *Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 65-96.